

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O
PROJETO “REFLEXÕES
SOBRE A ESTÉTICA
INDÍGENA PARA O CAMPO
DA ARTE-EDUCAÇÃO”**

**THOUGHTS ON THE
PROJECT “REFLECTIONS ON
INDIGENOUS AESTHETICS
FOR THE FIELD OF ART-
EDUCATION”**

*Walace Rodrigues (Dr.)**



Imperatriz (MA), v. 5, n. 8, p. 04-12, jan./jun. 2023
ISSN 2675-0805

Recebido em: 02 de janeiro de 2023
Aprovado em: 29 de maio de 2023

RESUMO

Este texto traz um relato sobre o projeto de extensão intitulado “Reflexões sobre a estética indígena para o campo da arte-educação”, realizado entre os anos 2012 e 2013, no campus de Tocantinópolis, da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Tal projeto de extensão buscou desvelar os aspectos estéticos das criações indígenas para valorizar os fazeres e saberes indígenas e dar visibilidade às suas habilidades criativas e inventivas. O projeto ocorreu através de quatro cursos voltados para a comunidade acadêmica das licenciaturas e para o público externo. Os resultados de tal projeto de extensão mostraram-se extremamente positivos para a valorização das sociedades indígenas nacionais e foram publicados em três revistas científicas. Isso mostrou o interesse que o tema do referido projeto tem e sua atualidade em tempos de ameaças às comunidades indígenas brasileiras e a seus territórios. Ainda, tal temática pode ser de grande valia para professores atuantes e em formação, pois auxilia na compreensão da riqueza de saberes e fazeres dos grupos “minoritários” brasileiros, aproximando as pessoas e diminuindo a discriminação a esses grupos.

Palavras-chave: Estética Indígena. Artes. Antropologia Indígena. Formação de professores.

* Pós-Doutor pela Universidade de Brasília – UnB/POSLIT. Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ e com complementação pedagógica em Letras/Português e em Pedagogia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire/UFNT) e da Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGLLit/UFNT). Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins – GESTO e no Grupo de Estudos e Pesquisa em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais, ambos da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – CAPES/CNPq. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>. E-mail: walace@uft.edu.br

ABSTRACT

This text reports the extension project entitled “Reflections on indigenous aesthetics for the field of art education” carried out from 2012 to 2013 on Tocantinópolis campus of the Universidade Federal do Tocantins – UFT. This extension project sought to reveal the aesthetic aspects of indigenous creations to value indigenous practices and knowledge and give visibility to their creative and inventive skills. The project was developed through four courses aimed at the academic community and the external public. The results of such an extension project are extremely positive for the appreciation of national indigenous societies and were published in three scientific journals. That has evidenced the interest on the theme of the aforementioned project and its relevance in times of threats to Brazilian indigenous communities and their territories. Furthermore, this theme can be valuable to teachers who are working and who are in training, as it helps to understand the richness of knowledge and practices of Brazilian “minority” groups, bringing people together and reducing discrimination against these groups.

Keywords: Indigenous Aesthetics. Arts. Indigenous Anthropology. Teacher training.

1 Introdução

Este escrito nasceu das significativas experiências vivenciadas no projeto de extensão intitulado “Reflexões sobre a estética indígena para o campo da arte-educação”. Tal projeto foi executado na Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Tocantinópolis, entre 2012 e 2013. Esse foi um dos primeiros de nossos projetos de extensão na Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT¹ e marcou nossa vivência universitária de extensão. Este trabalho objetiva deixar conhecer as ações acontecidas no referido projeto e as publicações advindas dele.

Nossa questão, aqui, é compreender como tal projeto foi relevante para se pensar sobre as questões estéticas indígenas e a valorização das culturas dos povos originários brasileiros. Vemos que o problema em questão é a falta de compreensão, por grande parte dos estudantes do ensino superior e da sociedade local, em relação ao valor artístico das produções estéticas e culturais dos povos indígenas brasileiros.

Assim, este trabalho se justifica na medida em que desenvolveu uma apreciação da produção cultural pouco publicizada dos indígenas brasileiros exatamente através do conhecimento dos códigos culturais desse “outro”, incluindo os estéticos.

Também, repensar tal projeto de extensão colocou-se como uma oportunidade de valorizar o universo cultural indígena brasileiro por meio de objetos de cultura material em um momento político de ataque a seus territórios, heranças e memórias.

¹ A UFT foi desmembrada e deu origem à UFNT por meio da incorporação dos câmpus de Araguaína e Tocantinópolis.

2 Fundamentação Teórica

A alfabetização estética é, ainda hoje em dia, tão importante quanto a alfabetização em uma língua. Na atual sociedade (capitalista pós-industrial), com tanta informação imagética circulando, faz-se necessário aprender os códigos de formulação das imagens e estimular o caráter crítico do observador. Esses códigos nos servirão para analisar qualquer tipo de imagem. Além disso, as criações estéticas indígenas, provedoras de imagens e símbolos novos para a maioria das pessoas, precisam ser decifradas para serem compreendidas principalmente por pessoas que não entendem muito bem quem são os indígenas e o porquê de sua importância para a sociedade brasileira.

Temos que ressaltar que a estética indígena não abarca as mesmas categorias valorativas que a estética ocidental. A antropóloga da arte Berta Ribeiro informa-nos sobre a lógica básica da estética indígena dos povos brasileiros:

A arte impregna todas as esferas da vida do indígena brasileiro. **A casa, a disposição espacial da aldeia, os utensílios de provimento da subsistência, os meios de transporte, os objetos de uso cotidiano e, principalmente, os de cunho ritual estão embebidos de uma vontade de beleza e de expressão simbólica.** Estas características transparecem quando se observa que o índio emprega mais esforço e mais tempo na produção de seus artefatos que o necessário aos fins utilitários a que se destinam; e quando passa horas a fio ocupado na ornamentação e simbolização do próprio corpo. Neste sentido, **a arte indígena reflete um desejo de fruição estética e de comunicação de uma linguagem visual** (RIBEIRO, 1989, p. 13, grifo nosso).

Percebemos, da citação anterior, que a estética indígena não é algo relacionado somente aos objetos artísticos, mas também a todos os objetos de uso confeccionados pelos indígenas. Para eles, o uso utilitário dos objetos que produzem não pode estar fora de uma esfera estética, pois os objetos não somente são na realidade, mas agem, auxiliando no viver.

Além disso, Ribeiro (1989, p.13) relata-nos que “a arte indígena reflete um desejo de fruição estética e de comunicação de uma linguagem visual”. Assim, os objetos artísticos indígenas participam de uma teia de significação simbólica, também na linguagem, pois comunicam conceitos.

Nesse sentido, levamos a cabo, através de quatro encontros do projeto de extensão de que trata este texto, análises da linguagem visual de artefatos indígenas ricos em caráter estético e simbólico para uso nas escolas, universidades, ONGs etc., acreditando que o conhecimento desses trabalhos traria reconhecimento artístico e valorização das culturas indígenas. Como disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96, é a partir da

instituição escolar e, mais especificamente, dos conteúdos nas aulas de Artes, Língua Portuguesa e História que os povos indígenas devem ser conhecidos:

Art. 26 - A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 10 O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2019).

Assim sendo, o estudo da estética indígena, enquanto saber cultural, coloca-se como extremamente relevante para a compreensão de uma forma de estética que chamamos de “estética da inteireza”². Tal concepção estética indígena revela uma forma de pensar sobre o belo/decorativo diferente daquela do “homem branco” (cf. RODRIGUES, 2017). Os indígenas concebem a beleza como parte integrante dos objetos, mesmo aqueles de uso diário. Daí a necessidade, por exemplo, de uma panela ser pintada com grafismos e ter um tratamento estético particular. Tal panela será utilizada no dia a dia das atividades na aldeia, mas ela incorpora em si a beleza das formas étnicas do povo que a produziu, identificando-a simbolicamente como produto de cultura material de um determinado povo indígena. Lembremos que, no Brasil, temos em torno de 300 grupos indígenas diferentes e que a riqueza de saberes e fazeres desses povos é imensa e deve ser conhecida para ser apreciada.

Os objetos indígenas detêm uma poderosa força agentiva dentro das mais variadas esferas sociais do povo indígena que os produziu e utiliza. Berta Ribeiro relata-nos, ainda, que a criatividade indígena se expande através de diversos suportes:

Nos campos das expressões gráficas e plásticas, a criatividade estética do índio brasileiro se estende, além do corpo, à ornamentação da vivenda e dos objetos. Trata-se de uma reiteração de motivos e significados semânticos aplicados ao embelezamento da casa, da cerâmica, à estrutura dos tecidos e trançados, à pirogravura da superfície das cuias, à pintura dos utensílios de madeira e dos implementos de trabalho. Essa iconografia confere homogeneidade visual ao universo tribal que milita em favor da singularização étnica (RIBEIRO, 1991, p. 155).

² Tal conceito pode ser entendido a partir do ponto de vista de que a arte indígena abarca toda a vida desses sujeitos, revelando uma integração total com a realidade, ou seja, a arte não se separa dos objetos de uso diário da vida, mas faz parte da vida. Um objeto indígena detém um caráter estético que lhe dá singularidade e que o completa.

A passagem anterior reafirma que as artes indígenas participam ativamente de um sistema de comunicação amplo no seio de cada etnia. Se os objetos confeccionados pelos indígenas reclamam uma inteireza de valor simbólico, a visualidade acaba por ser tomada com grande apreço na confecção dos objetos, mesmo aqueles de uso diário, como panelas, potes, objetos de palha etc.

Vale pensar que as criações estéticas indígenas têm pouca visibilidade e valorização dentro dos ambientes escolares dos “brancos”, assim como as próprias criações artísticas das sociedades ocidentais. A arte-educadora Ana Mae Barbosa confirma essa ideia:

Apreciação artística e história da arte não têm lugar na escola. As únicas imagens na sala de aula são as imagens ruins dos livros didáticos, as imagens das folhas de colorir, e no melhor dos casos, as imagens produzidas pelas próprias crianças. Mesmo os livros didáticos são raramente oferecidos às crianças porque elas não têm dinheiro para comprar livros. O professor tem sua cópia e segue os exercícios propostos pelo livro didático com as crianças (BARBOSA, 1989, p. 172, grifo nosso).

Ainda, os artefatos estéticos indígenas podem servir também como objetos de grande instrução artística para estudantes, além de servirem para desconstruir os estereótipos negativos acerca dos indígenas e valorizar os povos indígenas brasileiros a partir de suas criações. Sobre esse mecanismo de desconstrução de estereótipos, a estudiosa indiana dos Estudos Culturais Gayatri Spivak relata-nos que:

Desconstrução não diz que não há sujeito, que não há verdade, que não há história. Ela simplesmente questiona os privilégios de identidade de alguém que acredita ter a verdade. Ela não é a exposição do erro. Ela está, constante e persistentemente, buscando como as verdades são produzidas. Daí o porquê que desconstrução não diz que logocentrismo é uma patologia, ou que fechamentos metafísicos são algo de que você pode escapar. Desconstrução, se alguém necessita uma fórmula, é, entre outras coisas, uma crítica persistente do que uma pessoa não pode não querer (SPIVAK, 1996, p. 27-28, tradução nossa).

Esse mecanismo de desconstrução dos estereótipos negativos em relação aos indígenas, aliado à apreciação e ao conhecimento dos saberes e fazeres estéticos dos vários povos indígenas brasileiros, pode levar à valorização das culturas dos indígenas nacionais e de outras para além do território nacional. Daí, nossa necessidade de alfabetizar visualmente nossos estudantes, para que eles possam começar a compreender a riqueza cultural dos povos originários do Brasil, suas formas únicas de pensar e de agir.

3 Metodologia

Para este trabalho, realizamos um relato de experiência baseado em nossas vivências a partir do projeto de extensão “Reflexões sobre a estética indígena para o campo da arte-educação”. O local de realização do projeto foi o campus universitário de Tocantinópolis, da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Trabalhamos, no referido projeto, oferecendo cursos abertos para estudantes e público externo sobre a estética indígena brasileira. Nosso estudo, para esses cursos, foi baseado em bibliografia da antropologia da arte, da história da arte e em imagens de artefatos indígenas com valor marcadamente estético.

A análise dos resultados de tais cursos se deu por via qualitativa, já que se torna muito complicado aferir exatamente até que ponto o público foi afetado por nossas explicações a partir de imagens.

Ainda, o trabalho foi realizado nos anos de 2012 e 2013, sendo que os cursos ocorreram em quatro sábados e tiveram como base a exposição de imagens através do uso de um Datashow e explanações sobre elas. Nossas explicações ocorriam a partir das imagens e das reações que elas nos provocavam. No último encontro, fizemos uma colagem a partir de uma das imagens apresentadas.

4 Discussão e Resultados

Nos cursos ofertados no referido projeto de extensão, executamos trabalhos de colagens a partir das imagens dos artefatos indígenas apresentados. Ainda, textos sobre o tema da estética dos povos indígenas brasileiros foram ofertados aos estudantes, para expandir seus conhecimentos sobre o assunto tratado.

Três artigos científicos foram produzidos a partir desse projeto de extensão. Foram eles: “Valorizando os saberes estéticos indígenas através da utilização de suas produções estéticas no ensino superior”, publicado na Revista *Extendere*, da UERN; “O ambiente escolar e a valorização cultural indígena”, publicado na Revista *Periferia*, da UERJ; e “Os resultados e conclusões do projeto de extensão Reflexões sobre a Estética Indígena para o Campo da Arte-Educação”, publicado na Revista *Interfaces*, da UFMG.

Esses três artigos, publicados entre 2013 e 2016, referenciavam diretamente o nosso projeto de extensão que tratava da estética indígena como meio de valorização das culturas dos povos indígenas brasileiros, discutindo pontos positivos sobre o projeto ou relatando-o de forma mais detalhada.

Vemos como relevante sempre publicar, em revistas indexadas no Qualis Capes, os resultados dos projetos de extensão executados a partir das universidades, principalmente das universidades públicas, pois estas últimas têm uma função social importante de democratização do conhecimento produzido no Ensino Superior público.

Devemos dizer que os resultados pretendidos no referido projeto de extensão foram superados, haja vista nossas várias publicações em revistas especializadas em Extensão, como a revista *Extendere*, da UERN, e a *Revista Interfaces*, da UFMG. Além disso, percebemos que os estudantes muito se interessaram pelo tema da cultura indígena através das colagens realizadas e verificamos, até mesmo, uma nova maneira (mais positiva) de olhar os indígenas da cidade de Tocantinópolis.

Os estudantes que participaram dos cursos relatavam, frequentemente, que não conheciam a variada produção artística dos povos indígenas brasileiros. Os cocares dos Urubu-Kaapor, os objetos de cerâmica dos Waurá, as bonecas Karajá, os objetos de capim dourado dos Xerente, entre tantos outros belos objetos de cultura material produzidos pelos indígenas, ajudaram na compreensão dos ricos universos estéticos dos mais variados povos originários brasileiros.

A variedade de imagens de objetos artísticos produzidos pelos indígenas brasileiros fez com que os estudantes ficassem curiosos acerca da feitura de tais objetos e questionassem visões negativas que lhes foram ensinadas desde muito pequenos. Sendo os cursos executados em Tocantinópolis, cidade pequena e com grande influência do povo Apinayé (cf. RODRIGUES, 2015), a força estética dos objetos apresentados nas imagens fez com que os participantes do projeto repensassem algumas de suas visões distorcidas sobre os povos indígenas.

5 Considerações Finais

Neste texto, apresentamos algumas reflexões acerca de aspectos da estética dos povos indígenas brasileiros e verificamos que os resultados do projeto de extensão “Reflexões sobre a estética indígena para o campo da arte-educação”, realizado entre os anos 2012 e 2013, no campus de Tocantinópolis, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, foram extremamente profícuos para promover o conhecimento dos estudantes acerca das culturas indígenas e suas produções artísticas e deram bons frutos científicos na direção da valorização dos povos indígenas.

Partimos da análise de objetos ricos de estética indígena (como cocares, objetos de arte plumária, cestarias, objetos de embelezamento pessoal, vasos de cerâmica ricamente decorados etc.) para impactar visualmente os estudantes. A partir daí, fomos revelando as nuances das artes indígenas e de seus objetos por meio de análises de cores, formas, funções, fruição etc.

Alguns foram os aspectos relevantes do trabalho realizado: a divulgação do saber indígena em relação à estética de seus artefatos; a busca de valorização dos povos indígenas através de seus saberes e fazeres; a compreensão da riqueza cultural produzida pelos povos indígenas brasileiros; e a divulgação dos conhecimentos conquistados através de publicações em revistas científicas, entre outros mais.

Vale destacar que buscar quebrar estereótipos por meio da valorização de objetos artísticos indígenas parece ser um caminho possível para a “conquista” do interesse e do olhar dos estudantes. Creemos que, valorizando fazeres e saberes indígenas, podemos quebrar (pré)conceitos acerca dos povos indígenas de nosso país e de suas formas de vida.

Recomendamos, ainda, que outros projetos de extensão busquem a valorização dos povos indígenas por meio das criações estéticas das mais variadas etnias brasileiras, algo tão necessário neste momento nacional específico, no qual os indígenas sofrem com ameaças constantes a seus territórios, fazeres e saberes.

Não podemos esquecer das contribuições dos povos indígenas para a cultura brasileira como um todo, pois nós somos um pouco indígena, cada um de nós. Isso pode ser verificado em nossos próprios hábitos: comemos farinha de mandioca de várias formas; dormimos em redes; adoramos um biju³ (panqueca de mandioca); e tomamos banho todos os dias (hábito aprendido dos indígenas), entre tantos outros atos que nem nos damos conta no dia a dia.

Vemos como extremamente relevante trazer à discussão, dentro dos ambientes escolares, questões relacionadas às qualidades positivas dos indígenas brasileiros, até mesmo para além das questões estéticas. Isso faz com que os estudantes comecem a mudar uma visão histórica deturpada e negativa que nos foi passada de geração em geração acerca de nossos povos originários. Ainda, há saberes e fazeres indígenas que podem ser extremamente úteis para as sociedades pós-industriais, como o uso de plantas e ervas ainda desconhecidas por nós e que detêm propriedades curativas que desconhecemos.

Por fim, compreendemos que pensar sobre as culturas indígenas e valorizar seus saberes e fazeres é compreender a dimensão ecológica, da qual tudo que existe depende, em que a rede de significações inclui o homem com a natureza, sem separá-lo desta última. O utilitarismo com que miramos, na atualidade, os ambientes naturais e seus recursos devem ser modificado em direção a uma cooperação conservacionista (também em relação a saberes e fazeres) e a um entendimento de que o homem também faz parte da natureza e está incluído num sistema ecológico mais amplo e do qual não pode escapar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos avançados**. v. 3, n. 7. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989. p. 170-182. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141989000300010>. Acesso em: 21 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/1996**, de 20 de dezembro de 1996. Versão atualizada até 2019.

RIBEIRO, Berta G. **Arte indígena, linguagem visual**. São Paulo: Edusp, 1989.

³ “Beiju” e “biju” são palavras oriundas do termo Tupi mbe'yu.

RIBEIRO, Berta G. **O índio na cultura brasileira**. 2. ed., Rio de Janeiro: Editora Revan Ltda, 1991.

RODRIGUES, Wallace. Desconstruindo Discursos de Diferença na Escola. **Revista Educação e Realidade**. UFRGS, v. 42, n. 2, p. 687-706, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623657231>. Acesso em: 21 jul. 2022.

RODRIGUES, Wallace. Reflexões sobre o III Fórum de Licenciaturas da UFT: o currículo como campo de batalhas ideológicas. **Revista EntreLetras (Araguaína)**. UFT, v. 7, n. 2, p. 221-131, 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreltras/article/view/2996>. Acesso em: 21 jul. 2022.

RODRIGUES, Wallace. O ambiente escolar e a valorização cultural indígena. **Revista Periferia**, UERJ, v. 8, n. 1, p. 106-122, jan-jun 2016. Disponível: <https://doi.org/10.12957/periferia.2016.21990>. Acesso em: 21 jul. 2022.

RODRIGUES, Wallace. **O processo de ensino-aprendizagem Apinayé através da confecção de seus instrumentos musicais**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Humanidades da Universiteit Leiden (Países Baixos), 2015, 240f.

RODRIGUES, Wallace. Os resultados e conclusões do projeto de extensão “Reflexões sobre a Estética Indígena para o Campo da Arte-Educação”. **Revista Interfaces**, UFMG, v. 3, n. 1, p. 99-110, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18967>. Acesso em: 21 jul. 2022.

RODRIGUES, Wallace. Valorizando os saberes estéticos indígenas através da utilização de suas produções estéticas no ensino superior. **Revista Extendere, UERN**, v. 1, n. 1, p. 27-43, jan/jun 2013.

SPIVAK, Gayatri. “The Spivak reader”. In. LANDRY, Donna; MACLEAN, Gerald (Org.). **The Spivak Reader: Selected Works of Gayati Chakravorty Spivak**. New York: Routledge, 1996.